

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

ESTADOS UNIDOS

Trump massivamente repudiado... fica mais necessária do que nunca uma política operária independente

No dia 7 de Novembro, o POID francês tinha a intenção de organizar um comício de massas. O comício não foi autorizado pelas autoridades. O POID disse que, nesse caso, desejava organizar uma manifestação. A manifestação foi proibida. Organizou-se um videocomício, que teve a participação de milhares de trabalhadores. O camarada Alan Benjamin, editor de *Socialist Organizer* (Estados Unidos), usou da palavra. Aqui publicamos a sua intervenção.

No momento em que hoje vos falo, Joe Biden ainda não foi declarado vencedor das eleições presidenciais, embora a sua vitória esteja praticamente garantida. Faltam poucas horas para ser declarado novo presidente dos Estados Unidos.

A vitória de Biden — com uns 75 milhões de votos — constitui um repúdio massivo de Trump e da sua política.

O voto contra Trump é o reflexo, no plano eleitoral, das greves massivas dos professores, muitas delas ilegais, contra a campanha de destruição do ensino público de Trump.

É o reflexo dos 24 milhões de pessoas que saíram à rua no início deste ano para protestar contra o assassinato policial de George Floyd.

É o reflexo da cólera contra as 240.000 mortes por Covid-19 nos Estados Unidos.

É o reflexo dos milhões que se opuseram a que se metessem crianças imigrantes em gaiolas e as separassem dos pais, reflexo da destruição massiva do ambiente — e de tantas coisas mais.

A principal mensagem da campanha de Biden foi ele ser um “unificador”. Alguém capaz de unir de novo democratas e republicanos. Alguém capaz de juntar trabalhadores e patrões para “reconstruir

a economia no interesse de todos os americanos”. Alguém capaz de restaurar o “prestígio” mundial dos Estados Unidos.

Muitos analistas apontam que o voto negro em Biden foi o dobro do conseguido por Hillary Clinton em 2016. É verdade. Só que nenhum sector da classe operária negra mostrou o mínimo entusiasmo por Biden, que é geralmente tido por arquitecto de políticas de criminalização dos negros. “Biden não é amigo dos negros”, declarou uma mulher idosa do Maryland, entrevistada na rádio pública (PBS), que nunca tinha votado em eleições. “Mas desta vez tive que votar em Biden; por mim e pela minha família, era uma questão de sobrevivência.”

O *Socialist Organizer* não apelou a votar nem Biden nem Trump

Dito isto, é impossível fazer de conta que os democratas não estavam à espera de uma vitória rotunda sobre Trump — que não aconteceu. Ao contrário do que previam, os democratas não conseguiram nem recuperar o Senado nem aumentar a maioria que tinham na Câmara dos Representantes. Ficaram abanados. A consequência é agora uma crise grande no Partido Democrático, com a ala “moderada” a acusar a ala “progressista” de ser demasiado “socialista”, e os “progressistas” a acusarem os moderados de não conseguirem articular um programa coerente.

Nenhuma das alas do Partido Democrático é obviamente capaz de tirar a única conclusão que há a tirar: não é possível derrotar os republicanos com candidatos e políticas democratas que não se distinguem, no essencial, das dos republicanos. E se não se distinguem — nem se podem distinguir — é porque ambos são

financiados e controlados pelos interesses financeiros e empresariais.

É essencial, por isso, que os trabalhadores rompam com estes dois partidos do capitalismo.

Por isso o *Socialist Organizer*, que é a organização de cuja direcção eu faço parte, não apelou a votar nem em Biden nem em Trump — ambos são candidatos da classe capitalista. Invocámos a necessidade de um Partido Trabalhista (Labor Party) e de um Partido dos Trabalhadores Negros ligado à luta pelo Partido Trabalhista. Em Setembro, organizámos uma conferência do movimento sindical e popular, a que compareceram mais de 200 sindicalistas e activistas locais de todo o país, para traçar o caminho a seguir, apresentando candidatos independentes ao nível local.

Apelámos ao movimento sindical para respeitar e levar à prática as resoluções adoptadas pela AFL-CIO em 2017, que declaravam a necessidade de romper com a política do “mal menor”.

Avançámos também com uma plataforma de luta que reivindica:

- sistema de saúde universal;
- não aos cortes nos serviços sociais; não aos despedimentos nem a concessões de reembolso da dívida capitalista — resgate-se o povo, não a Wall Street!
- investimento massivo em obras públicas, para voltar a dar trabalho aos 30 milhões de desempregados, pagos pela tabela sindical;
- investimento massivo em hospitais, em equipamento de protecção como deve ser, e na investigação do flagelo da Covid-19, que já custou quatro vezes mais vidas do que houve soldados mortos no Vietname;
- cortar nos gastos com a polícia e investir em programas sociais de que há absoluta carência;
- fim das deportações de imigrantes sem papéis, encerramento dos centros de detenção, e revogação do acordo de “comércio livre” que é o NAFTA versão 2.

Nenhum dos partidos gémeos do

Wall Street precisa de restaurar a estabilidade das instituições em crise

patronato é capaz, nem tem nisso interesse, de aderir a estas políticas e levá-las à prática.

Se é quase certo que Biden será declarado vencedor durante o dia de hoje, nem por isso a questão da transmissão de poderes está resolvida. Longe disso.

Donald Trump fez uma declaração de mau augúrio no dia seguinte às eleições de 3 de Novembro, e repetiu-a depois várias vezes: “Contando os votos legais, eu ganhei as eleições à vontade! Contando os votos ilegais e tardios, eles vão-nos conseguir roubar as eleições.” E venceu que não se ia ficar.

Donald Trump jr. foi ainda mais longe, proclamando que “Temos de lutar até à morte” e “É a guerra total”.

Não podemos subestimar a seriedade destas ameaças, por muito frívolas que sejam as alegações de “votos ilegais”. Trump jurou que não admitiria a derrota; está a apresentar centenas de processos judiciais, na esperança de que o Supremo Tribunal o salve.

Nada indica que Trump chegue longe com estas alegações de “votos ilegais”. O consenso entre a classe política é que Trump não tem nada a que se agarrar legalmente. Figuras de proa do Partido Republicano, mormente antigos candidatos presidenciais republicanos, estão a demarcar-se de Trump. Alguns oferecem-se para se encontrarem com Biden para lhe sugerirem membros do governo, caso do ministro dos estrangeiros, que poderá ter o apoio de democratas e republicanos.

A ala dominante da classe capitalista — incluindo o exército e o aparelho de segurança nacional — tem enviado sinais claros de que prefere que Trump faça as malas e se afaste pacificamente. Está em causa a estabilidade das instituições políticas do capitalismo — minada por Trump.

Acresce que uma administração Biden, espartilhada por um Senado republicano e enquadrada na demanda que Biden anunciou de “sarrar as divisões” com os republicanos, talvez seja precisamente do que Wall Street precisa para conseguir fazer passar os cortes draconianos de que necessita para conseguir reembolsar a dívida que se amontoa e abrir caminho a mais uma “recuperação sem empregos” que encha os bolsos das grandes empresas e dos banqueiros.

Só que Trump e seus comparsas, animados pelos 71 milhões de votos que ele obteve nestas eleições, parecem não estar para aí virados — e não se pode excluir que as próximas semanas, meses até, sejam de grande caos.

Compete ao movimento operário americano defender as conquistas democráticas

Uma ala significativa do movimento sindical americano, juntamente com os aliados do movimento operário nos movimentos negro e latino, têm mostrado a sua disposição em combater qualquer tentativa de Trump para roubar as eleições.

Têm sido aprovadas centenas de resoluções e declarações sindicais para parar o golpe planeado. Muitos apelam a greves rotativas e até a uma greve geral nacional.

Mais logo, irão decorrer em todo o país comícios e marchas dirigidas pelo movimento sindical e popular em defesa do direito democrático ao voto — vincando que contar todos os votos não é “fomentar um golpe”, como Trump tem declarado, mas exactamente o contrário.

Na região da Baía de São Francisco irão decorrer um comício e manifestação na baixa da cidade. As cinco uniões sindicais locais da Baía juntaram-se para defender o direito democrático de votar contra os golpistas de Trump.

Manter-vos-emos informados das nossa actividade.

São Francisco, 7 de Novembro, 7h